



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

ADRIANA CORREIA DA SILVA

**ANÁLISE DA CORRELAÇÃO ENTRE GÊNERO/SEXO E A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA**

**GUARABIRA – PB
2019**

ADRIANA CORREIA DA SILVA

**ANÁLISE DA CORRELAÇÃO ENTRE GÊNERO/SEXO E A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientadora: Professora Dra. Iara Ferreira de Melo Martins

**GUARABIRA – PB
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586a Silva, Adriana Correia da
Análise da correlação entre gênero/sexo e a variação
linguística [manuscrito] / Adriana Correia da Silva. - 2019.
37 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins,
Departamento de Letras - CH."
1. Comportamento Linguístico. 2. Gênero/sexo. 3.
Variação Linguística. I. Título

21. ed. CDD 410

ADRIANA CORREIA DA SILVA

**ANÁLISE DA CORRELAÇÃO ENTRE GÊNERO/SEXO E A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA**

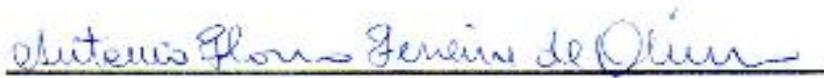
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciatura em
Letras.

Aprovada em: 28 / 11 /2019

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Iara Ferreira de Melo Martins
Orientadora


Dra. Maria Neni de Freitas
Examinadora


Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira
Examinador

A todos que, de alguma forma, contribuíram
para que esse sonho fosse possível,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Valderes (*in memoriam*), a pessoa que mais me ensinou na vida, e esses ensinamentos me fizeram ser a mulher forte e persistente que sou.

Ao meu pai Nilson, que me incentivou de uma forma bem inusitada para que eu fizesse o Curso de Letras.

Ao meu filho, que foi indiretamente o responsável por eu fazer o ENEM em 2014, quando pediu para acompanhá-lo na inscrição, fazendo a dele e a minha, quando acabei passando e aqui estou.

Ao meu marido, que me incentiva em tudo que faço e deseja ver meu crescimento a cada dia.

Aos professores que passaram por toda minha formação acadêmica, contribuindo com as suas experiências e seus conselhos.

Em especial, à minha orientadora Iara Martins que abraçou esse projeto com tanto carinho, contribuindo com seus conhecimentos, fornecendo aportes teóricos para a construção do mesmo.

Aos examinadores Neni e Antônio Flávio que contribuíram de forma muito atenciosa em minha formação acadêmica.

E a toda minha turma 2015.1 um agradecimento especial, pois jamais esquecerei de tudo que passamos e aprendemos juntos.

ANÁLISE DA CORRELAÇÃO ENTRE GÊNERO/SEXO E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Adriana Correia da Silva

A variação linguística entre os falantes é um fato importante porque acreditamos que a língua é heterogênea. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a diferença no comportamento linguístico entre homens e mulheres, analisando-o na frequência de uso do diminutivo, verificando padrões de produção, e na variação da concordância entre verbo-sujeito na terceira pessoa do plural. A justificativa do tema se dá pela necessidade de entendermos e incentivarmos mais pesquisas variacionistas na fala entre homens e mulheres. O trabalho é de natureza descritiva/interpretativa, e quanto a abordagem é de cunho qualitativo. Para tanto, selecionamos as pesquisas de Pereira e Araújo (2016) e Mendes (2012) para realizarmos tal análise, assim como embasamos esse trabalho nas teorias de Antunes (2007), Bagno (2006), (2007), (2015), Castilho (2015), Cézario e Votre (2008), Mussalin e Bentes (2006), Oliveira (1995), Paiva (2003), Tarallo (1990), entre outros. Os resultados obtidos nesse trabalho nos permitem afirmar que há diferenças no comportamento linguístico dos gêneros/sexos, como também, há preferência das mulheres ao uso da norma padrão, em razão às tradições socioculturais do grupo em que elas são inseridas.

Palavras-chave: Variação. Comportamento Linguístico. Gênero/sexo.

ABSTRACT

Linguistic variation among speakers is an important fact because we believe that language is heterogeneous. This article aims to reflect on the difference in linguistic behavior between men and women, analyzing it in the frequency of use of the diminutive, checking production patterns, and the variation in the agreement between subject-verb in the third person plural. The justification of the theme is due to the need to understand and encourage more variationist research in speech between men and women. The work is descriptive / interpretative in nature, and the approach is qualitative in nature. Therefore, we selected the researches of Pereira and Araújo (2016) and Mendes (2012) to perform such analysis, as well as base this work on the theories of Antunes (2007), Bagno (2006), (2007), (2015), Castilho (2015), Cézario and Votre (2008), Mussalin and Bentes (2006), Oliveira (1995), Paiva (2003), Tarallo (1990), among others. The results obtained in this work allow us to affirm that there are differences in the linguistic behavior of the genders, as well as the preference of women to use the standard norm, due to the socio-cultural traditions of the group in which they are inserted.

Keywords: Variation. Linguistic behavior. Gender/gender.

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Variação do plural no SN.....	15
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipos de Variação.....	17
Tabela 2 - Exemplo de Variação Diatópica	18
Tabela 3 - Exemplo de Variação Diastrática.....	20
Tabela 4 - Exemplo de Variação Diafásica.....	21
Tabela 5 - Exemplo de Variação Diacrônica.....	22
Tabela 6 - Frequência de uso do diminutivo entre homens e mulheres.....	27
Tabela 7 - Classificação dos tipos de diminutivos.....	27
Tabela 8 - Frequências de usos dos diminutivos.....	28
Tabela 9 - Concordância entre verbo-sujeito na 3PP na Bahia	30
Tabela 10 - Concordância entre verbo-sujeito na 3PP no Mato Grosso do Sul.....	31
Tabela 11 - Concordância entre verbo-sujeito na 3PP em São Carlos - SP.....	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 TEORIA VARIACIONISTA: PRINCÍPIOS TEÓRICOS.....	14
2.1 A variação linguística e suas variáveis.....	14
2.2 Tipos de Variação Linguística.....	17
3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A VARIAÇÃO.....	23
4 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DO GÊNERO/SEXO.....	26
4.1 Frequência de usos de diminutivos entre os gêneros/sexos.....	26
4.1.1 Oliveira (1995).....	26
4.1.2 Mendes (2012).....	27
4.2 A variação na concordância entre verbo-sujeito na terceira pessoa do plural (3PP) no falar brasileiro.....	30
4.2.1 Concordância na 3PP na Região Nordeste – Alves da Silva (2005).....	30
4.2.2 Concordância na 3PP na Região Centro-Oeste – Sgarbi (2006).....	31
4.2.3 Concordância na 3PP na Região Sudeste – Monte (2007).....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
6 REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Como falantes, temos uma particularidade pessoal, pois participamos de grupos, vivemos em sociedade rica em diversidades. E essa variedade também é presente na língua, que embora pareça regular é heterogênea, dinâmica e passa por transformações com o passar do tempo, por conta de diversos fatores.

Nas línguas, a variação está por toda parte e a primeira observação que podemos identificar é de que existem diferentes línguas no mundo. E dentro de cada língua, internamente, também há diferenças nas falas de homem e mulher. Essas variações, no entanto, podem ser facilmente reconhecidas ou podem passar despercebidas por serem muito sutis.

As variações linguísticas são estudadas pela Sociolinguística que se encarrega de estudar a língua como um fenômeno social e contribui para compreendermos como as pessoas mudam o seu jeito de falar, de acordo com as circunstâncias/fatores externos aos falantes.

A escolha do tema do presente artigo justifica-se não para tentar provar quem possui a melhor linguagem (se homem ou mulher) e sim pela necessidade de estudar e incentivar mais pesquisas variacionistas, em especial na variedade gênero/sexo, para que conheçamos ainda mais os fenômenos que revelam as diferenças na fala de homens e de mulheres. De acordo com Cezário e Votre (2008), as mulheres tendem a usar a forma padrão da língua com maior frequência do que os homens.

Isso acontece porque é cobrado pela sociedade um comportamento mais rígido para a mulher, em conformidade com as normas, em todos os sentidos, inclusive no que se refere ao comportamento linguístico, ao contrário dos homens que não são habitualmente cobrados e nem julgados pelo conteúdo que falam e tão pouco da forma que falam, por exemplo: a sociedade julga falar palavrões como algo imoral e ofensivo, todavia esse julgamento é diferenciado entre os gêneros/sexos que os empregam. Se forem empregados por homens, é sinal de virilidade e se for por mulheres é sinal de vulgaridade.

Sendo assim, muitas vezes, as mulheres inibem-se do uso de palavrões em seu convívio social, por não ser condizente com um comportamento esperado para uma mulher.

Nosso trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a diferença no comportamento linguístico entre homens e mulheres. Os objetivos específicos são: analisar o fenômeno “frequência de uso do diminutivo” para verificar os padrões de produção e analisar a “concordância entre verbo-sujeito na terceira pessoa do plural” para verificar os fatores que interferem na manutenção e/ou cancelamento das marcas de concordância padrão.

O trabalho é de natureza descritiva/interpretativa, e quanto a abordagem é de cunho qualitativo. As pesquisas que analisamos nesse trabalho utilizam duas terminologias *sexo* e *gênero/sexo* para identificar homens e mulheres. Entretanto, adotamos neste trabalho a segunda nomenclatura por acreditar que ela é mais completa e abarque todos os termos que foram utilizados.

Para fundamentar nossa análise estabelecemos reflexões teóricas de autores como Antunes (2007), Bagno (2006), (2007), (2015), Castilho (2015), Cézario e Votre (2008), Mussalin e Bentes (2006), Oliveira (1995), Paiva (2003), Pereira e Araújo (2016), Tarallo (1990), entre outros.

A divisão do presente trabalho está situada em seções, na qual a primeira faz uma breve introdução do tema, a segunda apresenta uma abordagem sobre os princípios teóricos da Sociolinguística, a terceira seção revela uma reflexão acerca do preconceito linguístico, na quarta apresenta uma síntese de alguns estudos desenvolvidos ao longo dos anos, analisando os fenômenos linguísticos do gênero/sexo e por fim, as considerações finais na quinta seção.

2 TEORIA VARIACIONISTA: PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Nesta seção, realizamos uma breve abordagem teórica acerca da variação linguística e para isso, embasaremos as nossas discussões nos estudos dos seguintes autores: Antunes (2007), Bagno(2006), (2007) e (2015), Castilho (2015), Cezário e Votre (2008), Mussalin & Bentes (2006) e Tarallo (1990).

2.1 A variação linguística e suas variáveis

A língua tem como função primordial permitir a comunicação entre os indivíduos. Esses indivíduos são identificados na sociedade, dentre outros aspectos, através da sua linguagem que pode revelar características pertencentes a um determinado grupo social, de uma determinada época ou situação.

Estudar os aspectos resultantes da relação entre a língua e a sociedade é a tarefa da sociolinguística, pois ela nos ensina que onde tem variação linguística, sempre tem avaliação social. E quando tratamos de língua, sabemos que há discursos que se contrapõem. Segundo Bagno (2006), essa contraposição é dividida em:

1- O discurso científico, embasado nas teorias da Linguística moderna, que trabalha com as noções de variação e mudança; 2- o discurso do senso comum, impregnado de concepções arcaicas sobre a linguagem e de preconceitos sociais fortemente arraigados, que opera com a noção de erro. (BAGNO, 2006, p. 23)

Quase tudo na vida é medido por dicotomia, seja de certo ou errado, bom e ruim, mas na verdade a noção de algo certo/bom ou errado/ ruim é muito relativa, pois nem tudo que é certo e bom para uma pessoa ou situação será para outra.

E assim ocorre com a língua, de acordo com a citação acima, no qual há discursos que defendem a existência do erro como algum ruim, por ter como referência uma modalidade padrão, uniforme. Por outro lado, há outros discursos que não consideram a existência do erro como algo ruim porque consideram a língua variável, sujeita às modificações na interação humana.

Assim, acreditamos que a língua se transforma no decorrer do tempo e, necessita ser estudada para compreender como e o porquê essa mudança ocorre. A Sociolinguística parte do ponto que qualquer língua falada, por qualquer comunidade, é representada por um conjunto de variedades. E de acordo com Silva:

E é essa heterogeneidade que, de acordo com a sociolinguística pode e deve ser sistematizada: analisar e aprender a sistematizar variantes

linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala são os principais objetivos da pesquisa sociolinguística. De forma simples e direta, podemos dizer que o objeto da sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. (SILVA, 2011, P. 50-51)

Devemos então compreender que é de fundamental importância a relação que a sociolinguística faz entre língua e sociedade, pois além de estudar e organizar as variações linguísticas que ocorrem, ela também valoriza toda a situação do falante, quebrando o paradigma do erro em relação à língua.

O sociolinguista americano William Labov criou um modelo teórico-metodológico chamado de “teoria da variação linguística” ou “sociolinguística quantitativa” que procura analisar a probabilidade do uso dessas variantes, fazendo uma estatística dos dados coletados.

Com esse modelo, Labov realizou várias pesquisas para analisar a variação linguística. Seu primeiro estudo foi em 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha’s Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos). Esse estudioso relacionou fatores sociais como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico dos nativos dessa ilha, no que se referia à pronúncia de determinados fonemas das vogais dos ditongos.

De acordo com a Sociolinguística, as formas linguísticas em variação são denominadas “variantes”. Conforme Tarallo (1990, p. 8), “Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. E um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”.

Como exemplo de variantes no português falado no Brasil podemos apresentar a marcação do plural no Sintagma Nominal (SN) que se encontra em estado de variação. Assim, o plural no português é marcado ao longo do SN: no determinante, no núcleo e nos modificadores e a variação pode ocorrer de três formas:

Quadro 1 – Variação do plural no SN

1. aS meninaS bonitaS
2. aS meninaS bonitaø
3. aS meninaø bonitaø

Fonte: Tarallo (1990, p. 09)

Essa variação corresponde a duas variantes linguísticas: 1. Presença do plural; 2. Ausência do segmento fônico S, a forma zero, seja no nome-núcleo e/ou nos modificadores-adjetivos. Como explica Tarallo (1990):

Isto é, em (1), nosso suposto falante reteve a marca de plural ao longo do SN, espelhando assim em seu desempenho linguístico a norma-padrão do português. Em (2), o falante retém a variante [s] na posição de determinante e de nome-núcleo, mas lança a variante [Ø] para a posição de adjetivo modificador. Em (3), o falante utiliza-se da variante não-padrão [Ø] nas duas posições finais do SN, retendo a marca de plural somente na posição inicial. (TARALLO, 1990, p. 9)

Grande parte dos falantes do nosso país tende a não marcar o segmento fônico S no sintagma nominal. E esse fenômeno linguístico não impede o entendimento do significado da oração. Podemos observar nos exemplos do quadro 1, que a marca do plural está em todos os determinantes, isto é, em todos os artigos, e isso, para esses falantes, é o suficiente para marcar o entendimento do plural em toda a frase.

Para Cezário e Votre (2011), o termo “variante” é usado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico. E explicam a afirmação com o seguinte trecho:

Tomemos, por exemplo, a variação nos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural ilustrada com o verbo “falar”. Temos as formas “nós falamos” e “a gente fala” como variantes do presente do indicativo. Ambas as expressões são aceitas pelas pessoas em geral, mas a estrutura “nós falamos” é considerada mais formal, enquanto “a gente fala” soa mais coloquial. (CEZÁRIO E VOTRE, 2011, p. 142)

Essa variação nos pronomes, exposta pelos autores é facilmente aceita no meio linguístico porque um mesmo falante pode utilizar cada variante em contextos sociais diferentes. Por exemplo, um mesmo falante conversando entre um grupo de amigo, em um papo mais informal, utiliza “a gente fala” e esse mesmo falante em uma reunião de trabalho utiliza “nós falamos”. Isso, portanto, não significa dizer que a expressão “a gente fala” está errada, apenas o falante a utilizou quando estava mais à vontade, sem a pressão de ser cobrado por regras gramaticais.

A marcação de plural no português do Brasil com a variante [s] é padrão e a variante [Ø] é não-padrão. Conforme explica Tarallo (1990), as variantes padrões também são consideradas ao mesmo tempo como conservadoras e que gozam de prestígio sociolinguístico pela comunidade linguística e as variantes não-padrão são consideradas quase sempre inovadoras e estigmatizadas.

A variação linguística nos permite conhecer, assim, uma realidade sociocultural bem diversificada e, juntamente com isso, fazer uma reflexão sobre o preconceito linguístico. Pois sabemos que há falantes que usam a língua para excluir socialmente uma parcela da comunidade linguística que faz uso de uma variedade linguística de menor prestígio, não-padrão. Em relação a essa discussão, os Parâmetros Curriculares Nacionais posicionam-se da seguinte forma:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p.26)

Nosso país possui uma grande extensão territorial que conseqüentemente se subdivide em regiões que se diferenciam por diversos fatores. Dentro dessas mesmas regiões ou entre elas, também encontramos situações sociais diferentes, que apresentam padrões de uso da língua diferentes com uma linguagem não-padrão. Mas isso não significa dizer que essa variação seja inferior, apenas são situadas num tempo ou espaço com funções definidas.

2.2 Tipos de Variação Linguística

Conforme a Sociolinguística, a língua é heterogênea e variável. E essa variação não é aleatória, é sistemática. De acordo com as postulações de Bagno (2007), a variação pode ser classificada em:

Tabela 1 – Tipos de Variação

Tipos de Variação	Conceito
Diatópica	Verifica a comparação entre os modos de falar de lugares diferentes.
Diastrática	Baseia-se na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais.
Diafásica	Analisa o comportamento de indivíduos em diferentes contextos de comunicação.
Diacrônico	Verifica a comparação entre diferentes etapas da história de uma língua, que se

	transforma através do tempo.
--	------------------------------

Fonte – Elaborada pela autora deste trabalho a partir de postulações de Bagno 2007, p. 46-47.

Cada variedade linguística possui suas analogias e suas divergências fonéticas, gramaticais e lexicais. Veremos, a seguir, exemplos das diferenças internas de cada variedade e seus respectivos aspectos.

As variações diatópicas ocorrem de acordo com o local onde cada falante vive. Cada região do nosso país tem sua cultura e suas particularidades com a língua portuguesa. Conforme afirma Castilho (2015, p. 450), “Há uma correlação entre a região de origem dos falantes e as marcas específicas que aparecem em sua produção linguística”.

Assim, cada região possui seu modo característico de uso da língua, e ao ouvirmos a fala de alguém de qualquer região, logo percebemos de que lugar esse falante é originário. De acordo com Bagno (2007), esse modo próprio de falar de um determinado lugar ou região é designado de dialeto. As diferenças dialetais, entretanto, entre as regiões não impedem a intercompreensão da comunicação.

Vejamos na próxima tabela o exemplo de um tipo de picolé gelado muito popular, na época do calor, com vários nomes diferentes:

Tabela 2 – Exemplo de Variação Diatópica

Vários nomes para mesma coisa	
Nome	Lugar
“sacolé”	<i>Rio de Janeiro</i>
“gelinho”	<i>Na cidade de São Paulo</i>
“chup-chup”	<i>Litoral de São Paulo</i>
“laranjinha”	<i>Goiás</i>
“din-din”	<i>Nordeste</i>

Fonte – Adaptada pela autora deste trabalho a partir das informações do site: www.dicionariogramatica.com

Desta forma, percebemos que existem diversos nomes dados ao “picolé gelado” que citamos acima, e na tabela 2 vemos alguns desses termos que são suficientes para verificarmos a variação diatópica. São nomes completamente diferentes para o mesmo produto. Ainda podemos observar dois nomes diferentes

em um mesmo estado, como em São Paulo, onde na cidade denominam de “gelinho” e no litoral de “chup-chup”.

As variações linguísticas dos falantes vão além daquelas próprias de suas regiões de origem, pois em todos os lugares, numa mesma região, encontramos também diferentes variações de falas pertencentes a mesmos grupos e classes sociais.

A variação diastrática é, pois a responsável por verificar o modo de falar dos falantes pertencentes a diferentes segmentos sociais. Para Castilho (2015), as variedades socioculturais costumam ser separadas, levando em consideração as variáveis: a) falante não escolarizado e b) falante escolarizado. O autor reforça a ideia dizendo que:

Analfabetos e cidadãos escolarizados não falam exatamente da mesma forma. Analfabetos usam o *português popular*, ou variedade não culta. Pessoas escolarizadas usam o *português culto*, ou variedade padrão ensinada na escola. (CASTILHO, 2015, P. 453)

De acordo com a citação acima, apesar de não falarem exatamente da mesma forma, não significa dizer que os analfabetos usem exclusivamente a norma não-padrão e os escolarizados a norma padrão. Como já citamos anteriormente, nenhum falante é totalmente culto ou popular, pois sempre existirão situações (formal,/informal) em que falaremos de uma forma ou de outra. E por mais que uma pessoa não tenha sido escolarizada, ela possui seu conhecimento de mundo que a faz entender de tudo um pouco e, mesmo que uma pessoa seja universitária, nunca será detentora de todo o saber.

Assim, fatores como grau de escolaridade, faixa etária, profissão, gênero ou nível socioeconômico condicionam a variação diastrática. Para Mussalin & Bentes (2006, p. 34), as variações diatópicas e diastráticas são parâmetros básicos para descrever as variedades linguísticas, e ainda declaram que:

A variação geográfica ou diatópica está relacionada as diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre os falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores e que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade da fala (MUSSALIN & BENTES, 2006, p. 34)

Cada falante é procedente de um segmento diferente da sociedade, e cada segmento possui sua própria forma de falar, causando assim uma correlação entre a linguagem e o segmento social que o falante pertence.

Na tabela, a seguir, mostraremos como exemplo de variação diastrática, o fator grau de escolaridade.

Tabela 3 – Exemplo de Variação Diastrática

Grau de escolaridade	
Escolarizado	<i>“As meninas brincam no quintal”.</i>
Não escolarizado	<i>“As menina brinca no quintal”.</i>

Fonte – Elaborada pela autora deste trabalho a partir das informações de Cezario e Votre (2008).

Os exemplos de variação acima, condicionados pelo fator escolaridade sugerem que os falantes não escolarizados possuem pouco ou nenhum contato com a norma culta padrão, por não conseguirem realizar a concordância verbal na frase. Mas isso não significa dizer que a forma não-padrão também não possa ocorrer na fala dos escolarizados. Entretanto, as probabilidades de ocorrências nesse grupo sejam menores.

As variações socioculturais não são separadas tão rigidamente porque percebemos que os brasileiros com linguagem formal ou não formal se entendem bem. Explicando essa distinção entre o uso do português popular e o português culto, Castilho cita:

Ninguém é exclusivamente “falante popular” nem “falante culto”. As linhas divisórias entre essas modalidades são muito tênues – afinal não se trata de duas línguas diferentes! No limite, só fala errado quem não consegue fazer-se entender. (CASTILHO 2015, p. 459)

Desta forma, todas as pessoas nativas de uma determinada região são possíveis de serem entendidas em suas falas, mesmo as que não possuem o conhecimento da norma padrão. Pois observamos que as diferenças entre as formas de linguagem não se sobressaem ao objetivo final que é a transmissão da mensagem.

O processo de comunicação entre as pessoas pode variar de acordo com o grau de intimidade entre elas, e essa variação se entende por diafásica. Um mesmo falante utiliza ora um registro formal, quando não há familiaridade entre os interlocutores da comunicação e ora um registro informal, quando há a familiaridade entre esses interlocutores. Para explicar tal situação, Castilho (2015) faz a seguinte alegação:

Falamos inteiramente “a vontade” com a nossa família e com nossos amigos. Falamos com mais cuidado, escolhendo as palavras e refletindo mais sobre a impressão que vamos dar, quando falamos com pessoas desconhecidas. Em consequência, escolhemos recursos linguísticos adequados a essas situações. (CASTILHO, 2015, p. 461)

Logo, as palavras que utilizamos no momento de uma conversa conseguem mostrar o nível de intimidade com quem estamos falando. Sendo assim, usamos uma linguagem mais formal com pessoas ou situações que solicitem sua utilização e uma linguagem informal para pessoas ou situações que não a solicitem. E como exemplo, mostraremos na tabela abaixo mensagens elaboradas por mim para um grupo de amigos e outra para a professora-orientadora.

Tabela 4 – Exemplo de Variação Diafásica

Português brasileiro informal	Português brasileiro formal
Mensagem para grupo de amigos	Mensagem para professora
<p><i>Olá Turma:</i> <i>Seguinte, a gente combinou de tomar uma amanhã. Não vai dar. Me esqueci que tem uma prova na universidade, e se eu não estudar meu velho me pega no pé. Eu, heim? Tô fora. Vocês me entendem.</i></p> <p><i>Beijocas,</i> <i>Adriana.</i></p>	<p><i>Boa tarde, professora:</i> <i>Terei de faltar amanhã ao nosso encontro para orientação do meu TCC em razão de uma prova bem difícil, na universidade. Precicarei estudar, pois se eu for mal nessa prova meu pai vai ficar muito nervoso. Espero que a senhora compreenda minha situação e que me desculpe.</i></p> <p><i>Atenciosamente,</i> <i>Adriana.</i></p>

Fonte – Adaptado pela autora deste trabalho a partir de postulações de Castilho 2015.

O objetivo das mensagens acima, na tabela 4, era comunicar a minha ausência tanto na festa organizada pelo grupo de amigos, quanto na orientação do TCC, mas a linguagem utilizada em ambas foi bem diferente. No grupo de amigos não houve a preocupação com regras gramaticais, além do uso de gírias, já na mensagem para professora houve a preocupação em usar uma modalidade mais formal da língua.

Toda língua muda, também, devido às variações decorrentes do tempo, e essas variações são chamadas de diacrônicas. Enquanto umas palavras entram em

desuso, outras são incluídas no léxico. Em conformidade com Bagno (2007), se comparamos um texto escrito em português na Idade Média com algum texto escrito hoje, veremos uma diferença muito grande, sendo possível até a incompreensão do texto antigo, o exemplo abaixo comprova essa mudança:

Tabela 5 – Exemplo de Variação Diacrônica

“Vosmecê”	Português arcaico
“Você”	Português atual
“Vc”	Na escrita eletrônica
“cê”	Na oralidade

Fonte – Elaborada pela autora deste trabalho a partir de postulações de Bagno 2007.

Na diacronia, flagramos a palavra “vosmecê”, acima, utilizada no português arcaico, que se transformou em “você”. Na sincronia, observamos a forma abreviada “vc” na plataforma eletrônica e “cê” na oralidade informal.

Essa mudança gradual que ocorre na variação diacronia é realizada lentamente ao decorrer do tempo, permitindo realizar uma comparação entre as diferentes etapas da história de uma língua.

3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E A VARIAÇÃO

Qualquer forma de julgamento depreciativo contra a maneira de falar de alguém que more em qualquer região, tenha a idade que for, possua qualquer grau de escolaridade, profissão ou gênero/sexo, entendemos como preconceito linguístico.

Nossa sociedade não é linguisticamente democrática, pois encontramos falantes que acreditam ser superiores pela sua forma de falar, por pensar que sua comunicação seja exclusivamente culta, melhor. Como já vimos anteriormente, não usamos apenas o português brasileiro popular, muito menos apenas o português brasileiro culto. Usamos, de fato, as duas modalidades na medida em que a situação requer/exige.

Antunes (2007, p. 106) diz que: “Não há por que usar, em toda oportunidade, as variedades cultas”. Existirão sempre situações e fatores que nos levarão a relações interpessoais diferentes, sendo assim, devemos nos adaptar linguisticamente a cada uma delas.

A variação diatópica em nosso país é bastante expressiva por possuímos uma grande extensão territorial. Assim, algumas pessoas que utilizam os dialetos de suas regiões são vítimas de preconceitos na mídia, principalmente da região nordeste, como esclarece Bagno:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, uma caricatura, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. (BAGNO, 2015, p. 68)

Diante da citação do linguista, podemos perceber que esse grupo usufrui de menor prestígio linguístico por questões geográficas e sociais. O Nordeste é quase sempre retratado nas mídias erroneamente como um lugar pobre e cheio de privações. E que todos que nele nascem e moram são supostamente inferiores social e linguisticamente.

Seja em qualquer lugar, qualquer pessoa, em qualquer situação ou em qualquer tempo, as variações linguísticas estarão sempre presentes, e essas diferenças devem ser respeitadas. Conforme Castilho (2015), a prática de qualquer variedade implica a busca permanente da manutenção da identidade de um grupo.

De acordo com Bagno (2006, p. 24), “a gramática tradicional se constituiu com base em preconceitos sociais que revelam o tipo de sociedade em que ela surgiu [...] aristocrática, escravagista, oligárquica, fortemente hierarquizada”. E o autor ainda afirma que a gramática tradicional adotou um modelo de língua “exemplar” que, naquela época, era de uso característico restrito do seguinte grupo de falantes:

- do sexo masculino;
 - livres (não-escravos);
 - membros da elite cultural (letrado);
 - cidadãos (eleitores e elegíveis);
 - membros da aristocracia política;
 - detentores da riqueza econômica.
- (BAGNO, 2006, p. 24)

Desta forma, os preconceitos sociais relatados pelo autor, nos levam a compreender que a linguagem utilizada por mulheres e por membros sociais inferiores da época era considerada defeituosa, corrompida, fraca, pois só os homens e membros da elite cultural, aristocrática e rica falavam bem a língua.

Entretanto, o preconceito linguístico, até certo ponto, ainda persiste na mentalidade de algumas pessoas que insistem em julgar o que são proferidos por homens e especialmente por mulheres.

Paiva (2003, p. 33) aponta que “as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical”. De acordo com a autora, parece natural admitirmos que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher.

Explicando esse contexto, Cezário e Votre (2008, p. 149) afirmam que “em nossa língua, o marido pode dizer “Esta é minha mulher”, já a mulher deve evitar a frase “Este é o meu homem”, que em determinados contextos, soa vulgar”.

Esse tipo de pensamento, dentro de outros fatores, cobrado por uma sociedade machista faz com que as mulheres tenham mais preocupação em apresentar um comportamento linguístico considerado de prestígio dentro da sociedade.

Para refletirmos um pouco sobre o comportamento linguístico entre a fala de homens e mulheres, analisaremos dois fenômenos, na próxima seção, ou seja, a frequência do uso de diminutivo e a variação na concordância entre verbo-sujeito na terceira pessoa do plural entre os gêneros/sexos femininos e masculinos.

4 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DO GÊNERO/SEXO

As divergências entre as falas femininas e masculinas são bastante instigantes. Os estudos sociolinguísticos, nessa temática, nos permitem fazer uma análise descritiva de fenômenos linguísticos variáveis correlacionados ao gênero/sexo.

A comunidade norte americana foi a primeira a registrar pesquisas neste campo, logo após veio a comunidade britânica. De acordo com Paiva (2003), “a primeira referência à correlação entre variação linguística e o fator gênero/sexo se encontra em Fischer (1958) em um estudo intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguística*”.

Neste estudo, foi analisada a variação na pronúncia do sufixo inglês – ing, formador de gerúndio (walking, talking), e o autor verificou que a pronúncia velar era mais frequente entre mulheres. E para explicar essa análise, Paiva (2003) informa que:

Nota-se que essa preferência não é resultado de uma escolha aleatória entre duas pronúncias igualmente possíveis do sufixo. A diferença entre a pronúncia velar ou dental do sufixo corresponde a uma diferença de valorização social: forma prestigiada versus forma não prestigiada, respectivamente. O que Fischer constata, portanto, é que a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina. (PAIVA, 2003, p. 33-34)

O estudo de Fischer nos mostra um indicador de que as mulheres são mais conservadoras, pois, preferem utilizar as formas de prestígio na linguagem. E esse comportamento conservador tem relação com o papel social que a mulher assume na sociedade.

4.1 Frequência de usos de diminutivos entre os gêneros/sexos

Partindo de pesquisas feitas por Oliveira (1995) e Mendes (2012), selecionamos o traço morfológico diminutivo para observar a sua frequência de uso entre homens e mulheres.

4.1.1 Oliveira (1995)

A pesquisa de Oliveira (1995) foi realizada a partir do *corpus* do Projeto da Norma Linguística Culta do Rio de Janeiro, no qual foram analisados o comportamento linguístico de 12 (doze) informantes, sendo 6 (seis) do gênero/sexo feminino e 6 (seis) do gênero/sexo masculino.

Para observar a diferença de linguagem em função do gênero/sexo dos falantes, a autora elaborou uma lista com itens a serem investigados, foram eles:

numerais, diminutivos, superlativos e advérbios terminados em - *mente*, mas para a nossa pesquisa, nos deteremos apenas no traço morfológico diminutivo, vejamos a tabela 6:

Tabela 6 – Frequência de uso do diminutivo entre homens e mulheres

Gênero/sexo	Nº. de palavras	Diminutivos
Masculino	37.179	166
Feminino	31.824	213

Fonte – Elaborada pela autora deste trabalho de acordo com os dados de Oliveira (1995, p.12-13).

Os dados expostos na tabela 6 nos mostram que os homens falam mais palavras - (em torno de 37.000) - que as mulheres durante as entrevistas, entretanto, as mulheres utilizam mais diminutivos que os homens (213).

De acordo com Santos e Sandri (2013), o uso do diminutivo é optativo e estilístico, sendo assim, pode envolver questões emocionais. O falante ao fazer uso do diminutivo muitas vezes, expressa sentimento, afetividade para tornar mais agradável a sua fala.

O resultado da pesquisa de Oliveira (1995) talvez seja justificado pelo fato das mulheres, na fala, conforme Lozano (2005, p. 70-73, *apud* Aguilera e Barrozo, 2014, p. 24) “utilizarem um linguajar mais infantilizado, o diminutivo, os superlativos, os vocativos carinhosos [...] até mesmo porque a sociedade lhe valora positivamente uma melhor expressão de suas emoções e da afetividade”.

4.1.2 Mendes (2012)

Para verificar o uso de diminutivos no português brasileiro como um fato linguístico associado a gênero/sexo, Mendes (2012), dezessete anos depois, analisou 84 entrevistas sociolinguísticas, com 42 mulheres e 42 homens nascidos e criados em São Paulo. E para isso, a autora, categorizou em três “tipos de diminutivos”, vejamos a tabela 7:

Tabela 7 – Classificação dos Tipos de Diminutivos

Tipo 1	Referência ao tamanho reduzido	<i>Aí então ele reformou lá o... o <u>quarto</u>, a cozinha... lá outro <u>quartinho</u>.</i>
Tipo 2	Usos mais abstratos, metafóricos	<i>O que aconteceu comigo foi um desses <u>roubinhos bobinhos</u>.</i>

Tipo 3	Diminutivos lexicalizados	<i>Desde os meus onze anos já andava muito <u>sozinho</u>.</i>
---------------	---------------------------	--

Fonte – Elaborada pela autora deste trabalho de acordo com os dados de Mendes (2012, p. 119-120).

No Tipo 1, o emprego do diminutivo condiz com a noção de tamanho reduzido, em relação a algum termo de comparação presente na oração ou no contexto da conversa. O tipo 2 se refere a usos abstratos, subjetivos, até emocional. E no Tipo 3, palavras que, apesar de conterem o sufixo – inho, são autônomas, estabilizadas, porque não fazem referência a tamanho ou a uma subjetividade e são consideradas unidades lexicais livres.

Essa divisão foi necessária porque os falantes do português brasileiro utilizam diminutivos de diferentes maneiras, conforme explica Mendes (2012, p. 117): “por exemplo, é possível imaginar que, numa situação de conversa espontânea, um mesmo falante possa se referir ao seu bar de preferência ora como “barzinho”, ora como “bar” mesmo.”

A partir dessa proposta de classificação dos diminutivos, veremos os resultados obtidos das entrevistas na seguinte tabela:

Tabela 8 – Frequências de usos dos Diminutivos

Gênero/sexo	Nº de palavras	Tipo 1 Redução de tamanho	Tipo 2 Uso Abstrato	Tipo 3 Lexicalizados
Feminino	455.847	1422	821	116
Masculino	414.877	754	439	87

Fonte – Adaptado pela autora deste trabalho de acordo com os dados de Mendes (2012, p. 120).

Ao computar os resultados de todos os diminutivos em conjunto (Tipo 1, 2 e 3) podemos perceber que as mulheres (455.847) empregam bem mais diminutivos que os homens (414.877). Nos tipos 1 e 2, as diferenças chegam a dobrar, e no tipo 3, a diferença diminui, mas mesmo assim é significativa para as mulheres. E para Mendes (2012), isso significa que:

[...] no geral, mulheres empregam diminutivos 1,71 vezes mais que homens. Quando são excluídos do conjunto de dados àqueles casos de diminutivos considerados lexicalizados, os totais de ocorrência evidentemente caem, mas as proporções se mantêm: mulheres empregam diminutivos não lexicalizados (apenas Tipos 1 e 2, sem 3) 1,70 vezes mais que homens. Já, quando se computam apenas as ocorrências de “pouquinho” e “sozinho”, mulheres e homens os empregam quase que na mesma proporção: sua

frequência de emprego entre as mulheres é apenas 1,19 vezes maior que entre os homens. (MENDES, 2012, p.121)

De acordo com Mendes (2012), os resultados no geral, sugerem que as mulheres usam mais o diminutivo que os homens, fazendo assim a correlação entre os usos com o gênero/sexo.

Ao compararmos os resultados das pesquisas de Oliveira (1995) e Mendes (2012) percebemos que apesar dos dezessete anos de diferença entre uma pesquisa e outra, em ambas a mulher sobressai na frequência do uso do diminutivo, e essa análise reforça a percepção de que as mulheres na nossa sociedade são mais delicadas, carinhosas e atenciosas que os homens. Essa delicadeza, esse carinho são dedicados aos filhos, por serem elas, a figura materna, culturalmente, a principal responsável pela educação deles.

A maior frequência de uso do diminutivo é realizada pelas mulheres por transformar a fala mais afetuosa, cautelosa e agradável, ficando assim, registrado como marca de comportamento/estilo feminino.

Se os homens demonstrarem tal comportamento usando o diminutivo, pode parecer de natureza frágil a sua masculinidade, de acordo com a nossa sociedade, que faz a divisão do que é “coisa” de mulher e “coisa” de homem. Talvez por isso, os homens evitem usar qualquer termo que associe a imagem/fala feminina.

Os usos de diminutivos do tipo 1 e 2 da pesquisa de Mendes (2012), além de indicarem tamanho reduzido e uso subjetivo, respectivamente, podem representar uma lembrança da infância, trazer uma sensação de bondade e afeição, ou seja, uma maneira afetuosa de usar a linguagem, marcas características femininas. A diferença no tipo 3 talvez seja justificada pelo fato de que os diminutivos lexicalizados tenham sua própria autonomia na língua, sendo empregados indistintamente por homens e mulheres, não possuindo nenhum valor afetivo/emocional.

Na próxima seção veremos o outro fenômeno sobre a variação linguística entre o gênero/sexo: a concordância entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural, analisado pelas autoras Pereira e Araújo (2016). Adotaremos o termo (3PP) durante o texto para referir-se a 3ª pessoa do plural.

4.2 A variação na concordância entre verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural (3PP) no falar brasileiro

Pereira e Araújo (2016) realizaram um estudo sobre a variação na concordância entre verbo-sujeito na 3PP no português falado no Brasil. As autoras escolheram pesquisas realizadas em algumas cidades do Brasil (Alves da Silva (2005), Sgarbi (2006) e Monte (2007)), para verificar os fatores linguísticos e sociais que mais influenciam em tal fenômeno.

Dentre os fatores sociais analisados pelas autoras, destacaremos aqui apenas os resultados do fator sexo/gênero encontrados nas seguintes localidades: Bahia, Mato Grosso do Sul e São Paulo, pesquisados por Alves da Silva (2005), Sgarbi (2006) e Monte (2007), respectivamente.

4.2.1 Concordância na 3PP na Região Nordeste – Alves da Silva (2005)

De acordo com Silva (2005, *apud* Pereira e Araújo, 2016), as pesquisas foram realizadas de em três comunidades do interior do estado da Bahia: Porções (urbana), Cinzento e Morrinho (rurais). Em cada uma delas foram selecionados 12 informantes, sendo 6 homens e 6 mulheres, que após serem entrevistados, resultou nos dados expostos na seguinte tabela:

Tabela 9 – Concordância entre verbo-sujeito na 3PP na Bahia

Gênero/Sexo	Percentual
Feminino	14%
Masculino	21%

Fonte – Adaptada pela autora deste trabalho de acordo com as informações de Pereira e Araújo (2016)

O resultado da Tabela 9 revela que o maior percentual de uso da concordância entre verbo-sujeito na 3PP, nas cidades analisadas, de um modo geral, está relacionado aos falantes do gênero/sexo masculino, favorecendo o uso da concordância padrão, com um percentual de 21% a mais que as mulheres.

Esse resultado difere da grande maioria dos estudos nessa área, pois sabemos que as mulheres são aquelas que, na maioria das vezes, lidera o uso da variável padrão da língua. De acordo com Silva (2005) a mulher, seja ela solteira ou casada tende a refletir a fala do seu espaço doméstico, apresentando os valores de sua comunidade. Nas cidades estudadas no interior da Bahia, as mulheres mostraram-se mais apegadas aos valores da sua comunidade. Já os homens mantinham contatos com membros de outros grupos e desses contatos surgiram a

necessidade de se adaptarem a novas situações de interação, conseqüentemente a novas formas de linguagem, e no caso, a forma padrão.

Uma observação que não pode deixar de ser feita diante do resultado do trabalho de Alves da Silva (2005) é que independente do gênero/sexo, os índices de concordância não-padrão foram bem elevados nas cidades da Bahia, configurando como marca linguística dessas comunidades.

Sendo assim, a menor frequência de uso da concordância por mulheres das cidades estudadas, se explique por um lado, pelo fato das referidas cidades serem localizadas no interior do estado e possuírem baixo crescimento de desenvolvimento socioeconômico e por outro, porque as mulheres são mais apegadas aos valores da sua comunidade, como explicado anteriormente.

Se as mulheres das cidades do interior da Bahia que foram entrevistadas também mantivessem contato com outras comunidades de fala que fazem uso de uma linguagem prestigiada, assim como fazem os homens, em função das questões profissionais, talvez elas apresentassem resultado igual ou superior a eles, pois não ficariam limitadas as relações estreitas de suas comunidades.

4.2.2 Concordância na 3PP na Região Centro-Oeste – Sgarbi (2006)

As autoras afirmam que Sgarbi (2006), com o mesmo objetivo de estudar a variação entre verbo-sujeito na 3PP da Região Centro-Oeste, usou como amostra de linguagem falada, com 30 falantes estratificados em 15 homens e 15 mulheres, em 30 municípios do estado de Mato Grosso do Sul. Vejamos os resultados dessa região:

Tabela 10 – Concordância entre verbo-sujeito na 3PP no Mato Grosso do Sul

Gênero/Sexo	Percentual
Feminino	74%
Masculino	28%

Fonte – Elaborada pela autora deste trabalho de acordo com as informações de Pereira e Araújo (2016)

Nessa pesquisa, o resultado é bem expressivo, favorecendo o uso da concordância padrão para as mulheres, em relação aos homens. Diferentemente das cidades do interior da Bahia, o resultado geral no uso da concordância no estado do Mato Grosso do Sul mostra que a concordância padrão entre verbo-sujeito é uma marca linguística dos municípios desse estado.

Esse comportamento na fala que as mulheres apresentam, investindo em uma linguagem de prestígio, se explique pelo fato das mesmas obterem pela sociedade uma cobrança velada em relação ao seu comportamento social, exigindo-lhe uma conduta irrepreensível, como a sua responsabilidade na educação dos filhos, já citado anteriormente. Portanto, elas buscam garantir, através de um comportamento linguístico com mais prestígio, a sua ascensão e/ou melhor aceitação social.

4.2.3 Concordância na 3PP na Região Sudeste – Monte (2007)

Na comunidade periférica de São Carlos – SP, Monte (2007) realizou 20 entrevistas com homens e mulheres para analisar o uso da concordância padrão e não padrão de ambos, na terceira pessoa do plural. Os resultados são revelados abaixo:

Tabela 11 – Concordância entre verbo-sujeito na 3PP em São Carlos - SP

Gênero/Sexo	Percentual
Feminino	26%
Masculino	25%

Fonte – Elaborada pela autora deste trabalho de acordo com as informações de Pereira e Araújo (2016)

Assim como as cidades da Bahia, a cidade de São Carlos possui um considerável índice no uso da concordância não-padrão no resultado geral. Mas com uma porcentagem sutilmente a mais, as mulheres também se sobressaem no uso da concordância padrão em relação aos homens.

Para explicar o papel atribuído a variável sexo/gênero sobre o comportamento variável da concordância entre verbo-sujeito na 3PP, Pereira e Araújo (2016, p. 142) afirmam que: “Por exercerem papéis sócio-históricos diferentes, homens e mulheres tendem a apresentar diferenças linguísticas em suas atividades”.

De acordo com Paiva (2003), as variáveis como mercado ocupacional, influência da mídia e grau de escolarização podem inferir nos índices de comportamento linguístico entre os gêneros/sexos. Assim, a variável mercado ocupacional atua de forma mais relevante para a linguagem dos homens e as variáveis mídia e grau de escolarização possuem efeito mais notável entre as mulheres.

Esses indícios são supostamente explicados pelo fato de que os homens ainda hoje terem mais facilidade em conseguir emprego do que as mulheres, além de serem mais valorizados, recebendo salários maiores. E as mulheres por passarem mais tempo em casa, diante dos meios de comunicação, ficam expostas às variantes prestigiadas, veiculadas nesses meios, como também, no processo de escolarização, pois as mulheres revelam-se mais receptivas à atuação normativa da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desse trabalho foi refletir sobre a diferença no comportamento linguístico, analisando a frequência do uso do diminutivo e do uso da concordância verbo-sujeito na terceira pessoa do plural entre homens e mulheres.

Esses objetivos propostos inicialmente nesse trabalho foram alcançados com as análises das pesquisas de Oliveira (1995) e Mendes (2012), mostrando que as mulheres utilizam mais diminutivos que os homens, configurando o referido traço morfológico como marca de comportamento feminino.

E com as pesquisas de Alves da Silva (2005), Sgarbi (2006) e Monte (2007), organizadas por Pereira e Araújo (2016), sobre a concordância verbo-sujeito na terceira pessoa do plural, que mostraram no geral, a preferência das mulheres pela forma padrão ou não estigmatizadas, por conta do seu papel na sociedade.

Os resultados analisados mostram, sem dúvidas, que as mulheres utilizam mais a linguagem padrão que os homens. Porém, o que chama atenção para esse comportamento é o fato de elas buscarem, através da fala, uma valoração positiva pela sociedade, buscando no uso da norma padrão o prestígio para ser reconhecida/aceita socialmente, uma vez que a posição da mulher na sociedade ainda é de ser inferior.

Ao justificarmos o nosso trabalho, reforçamos que o intuito não foi de tentar provar se o homem ou a mulher possui a melhor linguagem, e sim estudar e incentivar mais pesquisas variacionistas com as diferenças na fala de ambos, que são diversas, e aqui pontuamos apenas algumas que nos permitiram refletir sobre elas.

Diante das reflexões aqui apresentadas pudemos entender que é de fundamental importância que pesquisas sociolinguísticas sejam feitas periodicamente, atualizando estudos como esses, pois os comportamentos sociais e linguísticos vão se modificando, sendo transformados no decorrer do tempo. O que hoje pode ser considerado uma marca padrão da língua, amanhã pode não mais ser, pois a língua é viva, dinâmica.

Não podemos deixar de pontuar que apesar da figura feminina ter alcançado um avanço na área profissional, ela ainda não alcançou todo o prestígio que a figura masculina possui perante a sociedade, e talvez por isso, as mulheres

ainda busquem com a utilização da norma padrão suprir o seu desprestígio social, que infelizmente ainda está presente na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vandeci de Andrade; BARROZO, Thais Aranha. Sexo e Linguagem: uma análise a partir das sabatinas dos Ministros do Supremo Tribunal Federal Joaquim Barbosa e Rosa Weber. **Revista ABRALIN**, v. 13, n.1, p. 13-38, jan./jun., 2014.

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso. **Presença Pedagógica**. V.12, n.71, set/out, 2006, p. 23-29.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Preconceito Linguístico**. 56ª ed. Revisada e ampliada – São Paulo: Parábola Editorial, 2015

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Pequena gramática do português brasileiro**. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

CEZARIO, Maria Moura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, M. Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-155.

MENDES, Ronald Beline. **Diminutivos como marcadores de sexo/gênero**. Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 8, número 1, junho de 2012.

MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Cristina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2006.

NOVAES, Celso. Sintaxe nas falas do homem e da mulher. In: Maria Thereza Indiani de OLIVEIRA; Célia Regina dos Santos Lopes (Org). **Sexo – uma variável produtiva**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1995, v.4, p. 27-34.

OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani & LOPES, Célia Regina dos Santos (Org). **Sexo – uma variável produtiva**. Vol. 4. Rio de Janeiro. Faculdade de Letras/UFRJ, 1995.

PAIVA, Maria da Conceição. 2003. A variável gênero/sexo. In: Maria Cecília MOLLICA & Maria Luiza BRAGA (Orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 33-42.

PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa; ARAÚJO, Aluiza Alves de. Mapeamento dos fatores linguísticos e sociais relevantes para a variação na concordância entre

verbo-sujeito na 3ª pessoa do plural no falar brasileiro. **Littera Online**. n. 12, 2016, p. 125-145.

SILVA, Edila Vianna da. **A Pesquisa sociolinguística: A teoria da variação**. ABRAFIL, Rio de Janeiro, n. IX, Nov. 2011, p. 49-56.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil**: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia, Salvador, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. Ática S.A. 3ª Ed. São Paulo, 1990.

Exemplo de Variação diatópica. Vários nomes para “geladinho”. Disponível em: www.dicionarioegramatica.com, acessado em 12/10/2019.